



O PAPEL DA MULHER DENTRO DO CONTEXTO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FUTEBOL

DAIANE DE OLIVEIRA SANTANA
GRASIELA OLIVEIRA SANTANA DA SILVA
CRISTIANO JOSÉ DE OLIVEIRA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO: Sempre que falamos em futebol sem sombras de dúvida pensamos no Brasil. Tão tradicional e cultural é o nosso futebol que não se pode deixar de circunscrever sobre ele o impacto criado sobre a sociedade e o processo de formação dos sujeitos quando trabalhado pelos mecanismos educacionais. Tal realidade torna-se mais culturalmente aceitável e bonita quando nos reportamos ao público masculino. Parte-se da compreensão de que não é o espaço adequado à mulher, porque a rotulação que é atribuída a ela sempre foi da graciosidade e delicadeza. E, mesmo com tantos obstáculos, as mulheres tiveram força de vontade para adentrar em universos culturalmente masculinizados. Isso se torna tão evidente que o nível de participação das mesmas no futebol vem aumentando no Brasil, embalados pelas lutas dos seus ideais.

ABSTRACT: When we talk about without doubt shadows think football in Brazil. As traditional and cultural is our football that can only limit on the impact it created on society and the process of formation of the subjects when worked by educational mechanisms. This reality becomes more culturally acceptable and beautiful when we refer to the male audience. It starts with the understanding that it is not adequate space to women, because the lettering is assigned to it has always been the grace and delicacy. And even with so many obstacles, women had willpower to go into culturally masculinized universes. It becomes so clear that the level of participation of the same in football is increasing in Brazil, packaged by the struggles of his ideals.

Introdução

Os estudos existentes acerca da inserção da mulher no contexto esportivo são significativos uma vez que eles se transformam numa possibilidade de visibilidade e reconhecimento da mulher na sociedade. Vale ressaltar que há muitos anos as atividades físicas faziam parte da formação do homem, caracterizadas como uma forma de organização e exercício da cidadania. Mesmo sendo um evento de extrema importância para a sociedade, nem todos podiam compartilhar os momentos de tal acontecimento. Era vetada a participação das mulheres, até mesmo na condição de espectadoras (TUBINO, 1992).

A negação do ingresso da mulher no universo esportivo é justificada pela naturalização de uma representação do feminino que estabelece uma relação entre mulher, feminilidade, beleza, delicadeza e graciosidade. A masculinidade vem expressa através da força, visibilidade, coragem e moralidade.

É dentro desse contexto esportivo, caracterizado como universo de prestígio hierárquico dos homens, que o Brasil faz sua estreia olímpica no ano de 1920, na Antuérpia. O marco que projetou a inserção da mulher brasileira nos esportes foi a participação da nadadora paulista Maria Lenk, aos 17 anos de idade, nos Jogos Olímpicos de 1932 (OLIVEIRA et al, 2008). O grande êxito da participação feminina em determinado evento com repercussão mundial chamou atenção para o papel da mulher no espaço público e coloca em discussão toda a representação do feminino associado à família,

delicadeza e harmonia.

Goellner diz que a presença da mulher no mundo do esporte

[...] representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça por que chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e por que põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade por que parceria do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser (GOELLNER, 2005, p. 89).

Esse artigo direciona-se a discutir acerca da inserção da mulher no contexto esportivo, tendo o futebol como espaço de análise, ao estabelecer um diálogo entre os diversos autores que procuram trazer à luz as representações do feminino no universo das práticas corporais esportiva.

Dos tempos primitivos ao final da Idade Média: A trajetória da mulher no universo das práticas corporais

Para que seja possível compreender o espaço que a mulher ocupa no universo das práticas esportivas faz-se necessário estabelecer uma análise da sua trajetória nesse cenário. Ao nos reportarmos à era primitiva da história perceberemos que nesse período o esporte se confundia com os rituais religiosos e também com a prática da caça. Nessas atividades a participação da mulher era permitida, a elas cabia a função de ajudar no combate e abate da presa (TUBINO, 1992).

Na Grécia Antiga iniciaram-se as Panatéias, primeiras formas de Jogos Olímpicos e consideradas os eventos mais importantes até então.

Era tido como festa religiosa, onde competidores se reuniam a cada quatro anos, em comemorações aos Deuses marcados por jogos e lutas, onde a participação da mulher era proibida, até como espectadora (OLIVEIRA et al, 2008, p.118).

A razão para a exclusão das mulheres na condição de atletas desses jogos era justificada pela não condição física para desenvolver as atividades que lá eram propostas. Quanto a questão das mulheres espectadoras também era proibido uma vez que o terreno até chegar aos locais de realização das provas era muito íngreme e, percorrê-lo exigiria muito esforço físico e afetaria de alguma forma o seu sistema reprodutivo (TUBINO, 1992).

Nota-se que o motivo para que as mulheres não praticassem os jogos era zelar pelos costumes culturais gregos. O papel da cidadã grega era perpetuar as gerações futuras, enquanto que aos homens eram atribuídas as funções de guerrear. Portanto deixar a mulher participar desses eventos, criaria em seu interior a competitividade e despertaria nelas o espírito de guerrear para vencer certos obstáculos. Essa limitação da mulher ao espaço privado gerava, em parte, a sua exclusão da vida pública e aumentava o estereótipo exacerbado de que o lugar dela é concebido somente aos cuidados da casa, filhos e marido.

Segundo Oliveira et al (2008), no período da Grécia Antiga estava inscrito em lei que:

[...] a participação da mulher em esportes era tão rígida, que no regulamento dos jogos, artigo 5º dizia que as mulheres casadas não podiam assistir as competições, com sanção de morte. (OLIVEIRA, et al, 2008, p. 118).

No período do domínio Romano o Imperador Teodósio conquista a Grécia e proíbi a realização dos jogos por considerar essas práticas esportivas como festas pagãs. Durante toda a Idade Média o esporte entra em um período de estagnação. Somente por volta do século XIX o esporte volta a adquirir importância e o barão Pierre de Coubertain restaura o ideal olímpico levando à realização da primeira Olimpíada Moderna em 1896, em Atenas (CASTELLANI FILHO, 2007).

A mulher no cenário esportivo da Era Moderna

Estudar o papel da mulher no esporte brasileiro é uma possibilidade real de diálogo do passado com o presente e uma maneira de mostrar a sua visibilidade no universo desse fenômeno social. Tais características nos levam a compreender que a mulher já perpetuava suas histórias no futebol, mesmo sem os prestígios e divulgação da mídia, corroborado por outras ações como a própria Educação Física escolar e os clubes esportivos.

Goellner (2005) recorre a várias fontes de pesquisa e analisa as temáticas publicadas mais recentes na tentativa de visualizar as convergências e divergências da mulher e o futebol no Brasil em diferentes épocas. Parece que mesmo depois de tantos anos, lutas e conquistas os preconceitos insistiram em andar com as pessoas, sem dissociar o esporte do processo de masculinização da mulher. Mesmo com o enfrentamento da luta feminina para se inserir no contexto eminentemente masculino, houve um avanço no que diz respeito à inserção da mulher em vários esportes.

A mãe, mulher, cuidadora do lar “libertava-se” de tantos estereótipos culturais a ela atribuídos ao passo em que se inseria no universo de práticas esportivas associadas ao homem, tal inserção evidenciava outra forma de ligação, esporte e masculinização da mulher. A compreensão parte da justificativa que o esporte tiraria a beleza natural feminina e os seus traços de graciosidade e delicadeza, que deveriam ser preservado, adquirem outros contornos tais como a força e virilidade. Assim a inserção em determinadas práticas esportivas, a exemplo do futebol, prejudicaria o dom e a natureza feminina.

Entretanto, com o passar dos anos a beleza, segundo Goellner (1999), não é vista como um atributo natural das mulheres, mas como algo que deve ser conquistado e que é reflexo de um esforço individual que requer disciplina e dedicação. “Para ser bela, há que fazer exercícios físicos, pois a beleza exige movimento. Exige um corpo em movimento” (Goellner, 1999, p. 40). Todo esse discurso apresenta-se através da propagação de uma representação de beleza, primeiro identificado com a perfeição corporal atribuída às estátuas gregas e mais na modernidade, as imagens e fotografias expostas exibidas pelas fotografias e cinemas.

O ser mãe é visto como uma função social. As características bio-fisiológicas e o refinamento emocional são elementos que demarcam o papel da mulher dentro da sociedade. A relação entre homem e mulher está apoiada também na relação entre a alma (razão) e o corpo. Há uma superioridade masculina sobre a feminina e da razão sobre a corporeidade. “[...] as razões femininas seriam ineficientes para transcender sensações e paixões corporais e exercer a soberania que lhes cabe por natureza” (CARVALHO, 2002, p. 48-49). A alma, portanto está associada à racionalidade, à liberdade, ao universal e ao homem; o corpo, a sensibilidade e a passividade estão vinculados ao feminino.

A busca pela propagação dessa imagem maternal é justificada e ganha significados por atribuir ao papel da mulher a promessa de felicidade familiar e de um progresso social. A Sociedade de Beneficência Argentina afirmava que “[...] o que é preciso, é ver na menina que desabrocha, a mãe de amanhã: formar fisicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura [...]” (CASTELLANI FILHO, p. 57, 1988).

Para que essa mulher tivesse uma gravidez sadia era essencial a prática de atividades físicas, uma prática que contribuísse para a construção de um organismo forte, mas que fosse realizada respeitando a natureza feminina. As atividades físicas a elas destinadas tinham como intuito promover o controle e a vigilância sobre os seus corpos, assim,

[...] a prática de atividades físicas é necessária à mulher que moderniza e que tem como missão colaborar para o fortalecimento nacional através daquela missão que lhe foi conferida, dada a especificidade de sua natureza: a procriação (GOELLNER, 1999, p.37).

A habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal e, por mais que durante um bom tempo a permissão da prática de atividade física pela mulher estivesse sustentada nos ideais de beleza e maternidade, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos.

O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça seria ao mito da fragilidade feminina (LENKKYJ apud ADELMAN, 2003, p. 448).

De fato que o esporte trazia habilidades iguais para homens e mulheres, mas os preconceitos, enraizados culturalmente, não permitiam o acesso para as mulheres. O fator biológico predominava como o saber do momento, onde alimentava a certeza do afastamento feminino nessas práticas.

Por certo que todo aquele suor transparecendo em seus corpos delineados, através dos gestos espetacularizados, como manifestação de liberdade de movimentos do seu próprio ego e, até a própria emoção forte naquele contato, possibilita o surgimento de novas maneiras de visualizar o comportamento da mulher. Eram práticas que cultuavam a exibição dos seus corpos seminus com a leveza de suas roupas, através das práticas comuns do universo da cultura física, extraindo do esporte a possibilidade de minimizar as diferenças enraizadas socialmente entre os sexos.

Num mundo até então polarizado quase exclusivamente em torno da figura masculina, as moças aderiam, com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos, deliciadas com os ares de independência e voluntariedade que eles conotavam, desencadeando assim uma comoção que atravessou a década.

Os tecidos leves, transparentes e colantes; a renúncia aos adereços, enchimentos, agregados de roupas brancas, perucas, armações e anquinhas; o rosto ao natural, a cabeça descoberta e os cabelos cortados extremamente curtos, quase raspados na nuca davam às meninas uma intolerável feição masculina, agressiva, aventureira, selvagem (SEVCENKO, 1992, p. 49-50).

Vale ressaltar que em meados do século XX, a mulher se fortaleceu no contexto esportivo ganhando mais espaço e respeito dentro da sociedade. Porém, esse olhar sobre o corpo feminino através da exercitação física, era visto e reproduzido no intuito de que as mães tivessem uma boa maternidade, ou seja, tivessem bons partos, filhos saudáveis e que as atividades físicas proporcionassem uma boa gestão e garantia da criação de homens fortes e saudáveis. A permissão e até o incentivo para a realização de determinadas práticas se justificavam pela possibilidade de tornar as mulheres fortes e sadias para dessa forma gerar filhos mais saudáveis e defensores da Pátria (CASTELLANI FILHO, 1988).

As mulheres não podiam executar qualquer tipo atividades físicas que demonstrasse algo contrário à saúde das mesmas, ou seja, atividades que fossem desagradáveis ao seu físico e prejudicassem o seu organismo que era preparado para a gestação.

Mais do que analisar o posicionamento da nossa sociedade em tempos passados esse estudo discute a presença crescente da mulher no futebol, espaço levado a sério quando praticado pelos homens. Sendo o futebol um esporte discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se viável desconstruir preconceitos e fortalecer outra identidade, corroborado para o incentivo de resignificar alguns dos sentidos e afirmar que esse espaço futebolístico é significativo e importante para ambos os sexos.

Ao longo da história nacional ficaram visíveis os incentivos aos esportes associados ao sexo masculino, onde os preconceitos intrínsecos não possibilitavam que as mulheres participassem de competições de alto rendimento e nem mesmo das suas práticas nos espaços de lazer de forma igualitária. Associado a esse pouco incentivo vem a compreensão de que se a mulher adentrasse a esse contexto perderia a sua feminilidade criando a masculinização da mulher.

O Brasil sempre se preocupou com o crescimento interno e não poderia deixar de visualizar a importância do desporto para o seu desenvolvimento, seja ele, econômico, cultural, social, político ou da própria tecnologia (GOELLNER, 2005, p. 149).

Paralelo a essas perspectivas cria-se um olhar para o fortalecimento da nação, através da educação do corpo, construindo outro estilo de vida, inserindo desta vez homens e mulheres. O acesso as suas práticas corporais e esportivas (esporte, dança, corridas, etc.) foram trazidas no intuito de divertimento, proporcionando prazer através do esporte. Mediante a inserção da mulher nesse contexto esportivo, os preconceitos masculino-femininos não impediram que na Olimpíada de Los Angeles, uma brasileira marcasse a mudança do papel da mulher no esporte, e nesse período o Brasil registra-se pela primeira vez a participação de uma atleta feminina em competição de alto nível, a nadadora Maria Lenk. Em 1932 ela possibilita que a sociedade brasileira construa um novo olhar sobre a mulher no esporte, buscando romper com a ideia de que ela é o sexo frágil e que diante disso não detém habilidades paralelas ao do homem (GOELLNER, 2005).

Gradativamente esse quadro começa a mudar e junto com ele a luta feminina pelos seus ideais, projetado com o desporto e os itens da sua própria aparência. Essas mudanças também culminaram com a inserção de mulheres burguesas no continente europeu, uma vez que elas passaram a ter acesso a novas práticas esportivas.

Desta forma, cria-se a superioridade das classes dominantes, representada nas participações esportivas. Modalidades como o tênis e o hipismo são mais aceitas entre os gêneros sem descaracterizar a inserção da mulher, porque culturalmente essas modalidades não tirariam a beleza suave detida sobre o sexo feminino. Vale lembrar que as atividades físicas praticamente não existem nas instituições de ensino e começaram a criar espaço na sociedade com a intervenção dos médicos higienistas. Tidos como conhecedores da Educação dos corpos e aproveitando a intimidade com as famílias para falar de qualquer assunto (sexualidade, higiene, saúde, etc.) eles acresciam normas de comportamento para homens e mulheres a respeito das vestimentas, hábitos alimentares e a própria atividade física (CASTELLANI FILHO, 1988).

As relações estabelecidas da prática de atividade com o corpo, de como culturalmente a mulher vem rompendo as barreiras para inserção nos espaços sociais e, aqui nesse estudo, no esporte como um todo, mostra que cada vez mais a sociedade vem desconstruindo alguns preconceitos, desmistificando seus valores morais não pela aceitação de novos costumes. Novas formas de se perceber o sujeito estão se formando, sejam pela influência do ambiente ou pela

globalização que nos move em prol de suas diversidades culturais ou científicas.

Entretanto sob o olhar de Pierre de Fredy, o então conhecido Barão de Coubertin, ao devolver ao povo da Grécia os Jogos Olímpicos, deixou claro que as mulheres não participariam por considerar o espaço das práticas esportivas inadequado a elas. Diante de tal afirmação Coubertin considerava os jogos como um local apropriado para representar a figura competitiva do homem. Isso se deve ao fato de as atividades corporais serem associadas a questões como o uso da força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade. A função das mulheres nesses espaços era somente coroar os vencedores, não maculando os jogos com o seu suor (OLIVEIRA et al, 2008). Para ele a participação feminina só lhe cabia como espectadora, mas prezava nos valores culturais enraizados há décadas pela valorização dos esportes Gregos, advindo das participações apenas masculinas.

São tão decadentes os incentivos a inserção da mulher no futebol que os preconceitos se estabelecem de forma natural, tanto por parte dos homens quanto das próprias mulheres. Nas entrelinhas do artigo Futebol é “coisa para macho”? Franzini (2005) enfatiza a maneira como os jornalistas e comentaristas negavam o futebol feminino, apoiados na compreensão de que se elas adentrassem a esse contexto perderiam a sua real função: ser mulher, do lar, procriadora de filhos saudáveis. Mais deprimente ainda era a maneira como alguns comentaristas dirigiam suas palavras ao público feminino sobre a participação do meio futebolístico. Quando questionado sobre o que achava do futebol feminino, o comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha disse ser contra a tal inserção e de forma áspera justificou o seu olhar com o seguinte exemplo: “Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela: ‘O que você faz minha filha?’ E a mocinha responde: ‘Sou zagueiro do Bangu’. Quer dizer, não pega bem não é?” (FRANZINI, 2005, p.316).

Entretanto observa-se que os preconceitos intrínsecos na nossa sociedade são fortes ao ponto de castrar sua participação em eventos esportivos. São fatores como esses que ridicularizam uma imagem feminina e desestimulam a própria mulher de enfrentar as barreiras para mostrar seu espaço, suas capacidades.

Os estereótipos construídos socialmente acerca dos espaços e papéis destinados a homens e mulheres nos fortaleceram na busca para conhecer o espaço da mulher no cenário esportivo, bem como a maneira que ela é estereotipada. Fazem questão de mostrar o homem no contexto esportivo com sua predominância sobre o sexo feminino.

Essas representações machistas contribuem para que a mulher seduzida pelo esporte possa lutar, conquistar seu espaço no contexto esportivo e assim conquistar respeito, igualdade e valorização no território esportivo. Com isso a mudança do comportamento da mulher durante o passar dos tempos alterou as estruturas (econômica, social, política, educacional) que estavam estabelecidas e concretas ao longo dos tempos, desmistificando que o papel social dela estar concatenada ao lar, ao marido e aos filhos, carregando o status de frágil e sensível.

Considerações finais

É interessante notar a importância da mulher no contexto esportivo pelos inúmeros fatores que fizeram evoluir junto a ela, a exemplo das revoluções feministas, do crescimento econômico, da participação na política e a busca pelos seus ideais (mercado de trabalho, inserção no esporte, etc). É possível notar que as conquistas femininas não aconteceram apenas no setor esportivo, mas no contexto social como um todo, possibilitando novas pesquisas acerca da mulher fora e dentro das quatro linhas. São estudos que, além de mostrar que a supremacia masculina perpetuada ao longo dos anos na sociedade espaços mais democráticos, vão se estruturando e, que as mudanças foram essenciais para evolução em todas as classes sociais.

A partir daí observa-se o papel importante do esporte na vida da mulher e da sociedade. O rompimento dos preconceitos talvez tenha sido um dos fatores que mais chama a atenção, visto que supera uma hierarquia que dominava além dos fatores econômicos, adentrando também nos valores comportamentais, nesse caso onde e como a mulher poderia se transitar.

Assim, as mulheres se tornaram capazes de mostrar ao mundo o seu potencial e contribuição na construção de uma sociedade estruturada no respeito, na dignidade e valorização humana. Somos elementos sociais, que precisamos uns dos outros para nos construir e nos reconhecermos enquanto sujeitos sociais e enquanto homens e mulheres. A delimitação das atividades que são destinadas aos homens e as mulheres contribuíram para intensificar as desigualdades entre os sexos, essa fragilidade e sensibilidade imposta às mulheres não se deu por condições biológicas, elas foram construídas por determinantes socioculturais.

As informações aqui apresentadas nos permite conhecer um pouco do caminho que a mulher precisou percorrer para adquirir uma maior visibilidade social. Acreditava-se que a prática esportiva pudesse masculinizar a mulher e prejudicar o seu organismo que estava voltado para a procriação. Cabia às mulheres o papel social de ser mãe e protetora do lar.

Somente com bastante garra a elas foi dado o direito de praticar algum esporte, aqueles que especificamente contribuísssem para uma futura maternidade. Verificam-se os benefícios de determinadas práticas esportivas para as mulheres por estarem associadas ao desenvolvimento da beleza, feminilidade e maternidade. Porém, apesar dessas delimitações as mulheres sempre quiseram mais e ultrapassaram algumas barreiras até então consideradas intransponíveis, a exemplo do futebol.

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade Feminina. **Revista Estudos feministas**, v.12, p. 445-65, 2003.

CARVALHO, Maria da Penha F. dos Santos. As observações Kantianas sobre o sexo, 47-68. In: TIBURI, Márcia, et al. In: **As mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Ed. Unisninos, 2002.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: A história que não se conta. Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315- 328- 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imperativos do ser mulher. **Revista Motriz**, vol. 5, nº1, junho/1999, p. 40-42.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil**: entre incentivos e interdições elas fazem a história. Pensar a prática V.8 n.1 revisada. p 65 - 2005.

OLIVEIRA, Gilberto. CHEREM, H.L, Eduardo. TUBINO, J.G, Manoel. A inserção histórica da mulher no esporte. Miolo RBCM Vol. 16 n 2. Indd 117- 125. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**. Editora Universa. 2008.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TUBINO, Manuel José Gomes. **Esporte e Cultura Física**. São Paulo: IBRASA, 1992.

Daiane de Oliveira Santana. Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – AGES, Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Professora do Departamento de Educação Física da Faculdade AGES. daianesantanaedf@gmail.com.

Grasiela Oliveira Santana da Silva. Licenciada em Educação Física pela UFS; Mestre em Sociologia pela NPPCS/UFS, Professora pela Secretaria Estadual de Educação de Sergipe. grasielaoss@hotmail.com.

Cristiano José de Oliveira. Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Tiradentes –UNIT. Especialista em Treinamento Desportivo pela Faculdade Amadeus, Mestrando em Educação pelo NGPED/UFS.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 09/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: